

# GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O ROMANCE-REPORTAGEM EM SALA DE AULA

Mestrando Isaias Martins de Souza (UEG)<sup>i</sup>  
Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva (UEG)<sup>ii</sup>

## Resumo

Pretende-se, com este artigo, analisar a constituição discursiva promovida pelo repórter-escriptor Fernando Augusto Pinto, em seu romance-reportagem *A menina que comeu césio*. Essa obra tem por tema o acidente radiológico ocorrido na cidade de Goiânia, em 1987. A análise se deterá nos elementos pré e pós-textuais da obra, a fim de identificar os recursos discursivos utilizados para conferir veracidade ao que será apresentado pelo narrador. Crê-se que esses elementos são suficientes para estabelecerem uma Formação Discursiva e elevar a obra à uma Unidade Discursiva. Tal análise discursiva que se propõe da obra, visa ampliar o olhar sobre o objeto, quando do trabalho em sala de aula. Desta forma, para além da análise apenas de elementos literários, faz-se necessário que invista-se um tempo para escutar as múltiplas vozes que gravitam em torno do intratexto. Na obra em questão tal polifonia é formada por textos de linguagem verbal, não verbal ou mista, independentemente da linguagem utilizadas, todos cooperam com o mesmo propósito duplo, que faz da obra de Fernando Pinto uma Unidade Discursiva, a saber: conferir veracidade ao que será narrado e promover uma denúncia social. A partir deste procedimento, o trabalho em sala de aula, tanto de análise literária, quanto de aspectos linguísticos da Língua Portuguesa, embora torne-se mais desafiador, para professor e aluno, e demande mais tempo, será de extrema importância para que não se percam os discursos múltiplos que prefiguram atrás do gênero. Por outro lado, tem-se nesse tipo de abordagem, uma rica oportunidade, para explorar os aspectos jornalísticos que compõem o romance-reportagem, sua linguagem, recursos visuais, enfim, tudo aquilo geralmente e encontrado no dia a dia, mas que muitas das vezes não é problematizado.

**Palavras-Chave:** Romance-reportagem. Ensino. Análise de Discurso. Unidade Discursiva. Césio-137.

## Abstracto

Se pretende, con este artículo, analizar la constitución discursiva propuesta por el periodista y escritor Fernando Augusto Pinto, en su romance informe *A menina que comeu césio*. Este trabajo ha tratado el accidente radiológico de Goiânia en 1987. El análisis se detendrá en elementos pre y post textuales de la obra, con el fin de identificar los recursos discursivos utilizados para impartir la verdad a lo que será presentado por el narrador. Se cree que estos elementos son suficientes para establecer una Formación Discursiva y elevar el trabajo a una Unidad Discursiva. Tal análisis discursiva propuesta es ampliar la mirada sobre el objeto cuando de el trabajo en el aula. Por lo tanto, más allá de sólo el análisis de los elementos literarios, es necesario invertir a ti mismo tiempo para escuchar a las muchas voces que gravitan alrededor de la intratexto. En la obra en cuestión tal polifonía está formado por textos de linguagem verbal, no verbal o mixta, con independencia de la linguagem utilizada, todos cooperan con el mismo propósito dual, lo que hace que el trabajo de Fernando Pinto Unidad uno discurso, a saber: para dar veracidad a lo que será narrado y promover la denuncia social. A partir de este procedimiento, el trabajo en el aula, tanto en el análisis literario, como los aspectos

lingüísticos de la lengua portuguesa, a pesar de que hace más difícil para el profesor y el alumno, y exige más tiempo, será de suma importancia para no perder los múltiples discursos que prefiguram detrás del género. Por otro lado, cuenta con este tipo de enfoque, una rica oportunidad de explorar los aspectos periodísticos que conforman la novela - informe, su idioma, visuales, todo y que generalmente se encuentra en la vida diaria, pero muchos de veces no se pone en duda.

**Palabras clave:** Romance informe. Educación. Análisis del Discurso. Unidad Discursiva. Cesio -137.

## 1. Introdução

O *corpus* definido para este trabalho consiste do romance-reportagem *A menina que comeu Césio*, do repórter-escritor Fernando Pinto, publicado em 1987. O autor, apoiando-se nas experiências vividas ao cobrir o acidente radiológico em Goiânia e em pesquisas adicionais, como repórter do Jornal Correio Braziliense, elabora esse gênero fronteiroço, constituído por fatos e emoldurado pela ficção.

O acidente que tematiza a obra ocorreu no segundo domingo de fevereiro de 1987, quando Goiânia tornou-se cenário de um catastrófico acidente radiológico com o Césio-137. Wagner Mota Pereira e Roberto Santos, moradores do centro da cidade e amigos desde a infância, tiveram acesso à uma cápsula, no Instituto Goiano de Radiologia – IGR – (desativado na época), contendo pó de Césio-137. Nos dias que se seguiram, familiares dos jovens e desconhecidos seriam contaminados e figurariam como vítimas de um acidente radiológico de proporções mundiais.

Considerando que o romance-reportagem é constituído, fundamentalmente, pelos discursos literário e o jornalístico “É preciso, então, que se leia e se critique o romance-reportagem a partir do que ele é: o resultado do encontro de dois discursos distintos, o literário e o jornalístico [...]” (COSSON, 2001, p. 80). Pela mesma ótica, observa a ambiguidade do gênero, Neila Bianchin em *Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência*: “Ambíguo porque, partindo da reportagem, ele se faz romance. Feito romance, ele não perde a condição de ser também reportagem” (BIANCHIN, 1997, p. 136).

É sabido que, ao leitor atento, é difícil não perceber outras vozes quando da leitura de um objeto. Isso torna-se mais real ainda quando se pretende analisar uma narrativa que em sua definição já apresenta-se como híbrida, como fruto do encontro de outras duas narrativas, assim é o romance-reportagem. Intenciona-se aqui, a partir dessa constatação sobre esse gênero, identificar as marcas discursivas que figuram nos espaços pré e pós-textuais da narrativa *A menina que comeu césio*.

A análise discursiva que se propõe, tem por pressuposto básico a teoria bakhtiniana da linguagem, oportunamente evocada por Brandão, ao afirmar que

[...] todo texto trabalha a linguagem de forma a criar maior ou menor efeito polifônico. É nesse sentido que se tem disseminada a metáfora de que o texto se transforma em uma arena de lutas em que vozes, situadas em diferentes posições, emergem, polifonicamente, numa relação de aliança, de oposição ou de polêmica” (BRANDÃO, 2003, p. 9).

Essa polifonia presente nos textos, abunda no romance-reportagem analisado. Longe de elencarmos todos eles, fez-se aqui algumas análises que ilustram bem a teoria bakhtiniana. Por outro lado, essas múltiplas vozes, cooperam para que a intenção discursiva, dupla, do gênero romance-reportagem seja efetivado, a saber: denúncia social e a busca pela verdade factual.

Identificar as denúncias sociais, na obra, confirma-nos a ideia de que “o sujeito do discurso é um sujeito ideológico” (BANDRÃO, 2009, p. 4), bem como, a intenção de gerar alguma mudança social, remete-nos à uma prática discursiva que contribui para reproduzir a sociedade ou para transformá-la (FAIRCLOUGH, 2001).

É possível perceber no texto uma crítica tanto a Goiânia quanto ao Brasil, expondo seus problemas de desigualdade social e amadorismos em ações de prevenção às catástrofes ecológicas. Igualmente, critica a irresponsabilidade governamental, a dos responsáveis pelo IGR e a falta de emprego formal para os moradores da cidade de Goiânia.

Para abordar essas questões criticáveis, bem como a busca pela verdade factual, são evocadas múltiplas vozes: a do autor, a do narrador, a das personagens, outras vozes de autoridade, bem como recursos imagéticos e estatísticos.

Conforme Rildo Cosson (2001, p. 66), “ao considerarmos a denúncia social como marca pragmática do romance-reportagem, estamos enfocando-a igualmente como conteúdo e como expressão”. Tal afirmação faz-nos perceber que o romance-reportagem, pelo seu propósito existencial e, por todos os recursos discursivos que utiliza, constitui um *ethos* que leva, efetivamente, o leitor “a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto explique” (MAINGUENEAU, 2008, p. 70). Essa cena, definida por Maingueneau como “cena englobante” confere “ao discurso um estatuto pragmático” (*idem*).

Contudo, nessa abordagem, priorizar-se-á a análise de elementos discursivos que procuram conferir sentido de verdade ao que se narra.

## 2. O gênero *Romance-reportagem*

Crê-se conveniente observarmos que esse gênero, fronteiro, nasce no cenário cultural brasileiro a partir de algumas influências que reportam à década de 1960, tendo o seu apogeu na década seguinte. Para não nos determos em demasia nessa observação, cumpre destacar apenas que, por um lado, o romance-reportagem, recebe influência direta do romance de não-ficção, que, por sua vez era a expressão da proposta do Novo Jornalismo norte-americano. Sobre essa justificativa, para o surgimento do romance-reportagem, observa Rildo Cosson: “Tal explicação vê no romance-reportagem o resultado da adoção de um modelo literário norte-americano, mais precisamente o romance de não-ficção (*nonfiction novel*), o qual teria sido inaugurado nos Estados Unidos por Truman Capote” (COSSON, 2001, p. 18).

O Novo Jornalismo consistia em alargar os limites do texto jornalístico, a fim de alcançar vários aspectos próprios da narrativa literária. O marco inicial é estabelecido pelo escritor Truman Capote, ao lançar em 1966 *In cold blood* (A sangue frio), romance não-ficcional sobre o assassinato brutal de toda uma família nos Estados Unidos.

Por outro lado, vale ressaltar que estudiosos do romance-reportagem apontam a censura imposta pelo Regime Militar de 1964, no Brasil, como responsável pela consolidação desse gênero, como afirma Neila Bianchin:

O aprisionamento da imprensa levou muitos escritores e também jornalistas a usarem a literatura, menos vigiada, como válvula de escape.

[...]

Inúmeros foram os romances e contos editados na década de 1970 que tentaram, de uma forma ou de outra, contar a história que estava sendo sonogada (BIANCHIN, 1997, p. 30).

Embora seja possível identificar outras explicações para o surgimento e consolidação do romance-reportagem, não vemos como imprescindível apresentá-las nesse artigo.

É esse o gênero escolhido por Fernando Pinto, para refletir sobre o acidente radiológico que marcaria profundamente a cidade de Goiânia, expressando, assim, sua ideologia. Na escolha desse gênero discursivo, o romance-reportagem, fica evidente o que já afirmara Bakhtin em *Estética da criação verbal*, de que “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*” (BAKHTIN, 2010, p. 282, grifo do autor).

Cumpra destacar, ainda, que o romance-reportagem apresenta o posicionamento político-ideológico de seu autor, em face do problema social que aborda; bem como apresenta-se, uma vez o público acolhendo-a necessária, como cumpridor de uma função social. Esse duplo aspecto está em consonância com o que teoriza o crítico Antonio Candido, sobre a *função individual* e a *função social* do escritor, em sua obra *Literatura e sociedade* (2006).

Ou seja, por um lado, a intenção discursiva do autor, ao se propor a narrar sobre determinado tema e a partir da escolha de determinado gênero, diz respeito à *função individual* da obra; por outro, o acolhimento da obra, por parte dos leitores, que a tomam como suficiente para representar suas ideias, refere-se à *função social* da obra.

### 3. As vozes pré e pós-textuais na obra *A menina que comeu Césio*

#### 3.1. A Capa

No intento de conferir o já mencionado “sentido de verdade” ao narrado, o trabalho do autor, com os variados recursos persuasivos de que dispõe, é cuidadoso, inclusive lançando mão de processos realistas na elaboração de sua narrativa, “Até porque um romance-reportagem não se contenta em ser factualmente verdadeiro, para ele é fundamental também parecer verdadeiro” (COSSON, 2001, p. 36).

Iniciemos a análise a partir do primeiro elemento pré-textual do romance-reportagem:



Fonte: obra *A menina que comeu césio* – capa frontal.

A capa frontal do romance-reportagem, de Fernando Pinto, apresenta ao lado de seu título uma foto de Leide das Neves, criança que acidentalmente ingeriu pó de Césio-137 e que se tornaria um símbolo da catástrofe radiológica ocorrida em Goiânia.

A utilização da foto e não apenas o desenho de uma criança ou mesmo o título sem qualquer acompanhamento visual, procura causar um efeito de sentido de veracidade ao que se diz no título, ou seja, *A menina que comeu césio*, não se trata de uma figura de linguagem, mas de um acontecimento real. Dessa forma, quando, no interior da narrativa, a menina, como personagem for retomada, para o leitor, ela já estará aproximada de uma pessoa, ficando assim, mais aceitável a narrativa. A imagem de Leide das Neves aparece como recurso discursivo para conferir factualidade ao texto como um todo.

Mesmo assim, as informações, principalmente as que se referem às pessoas, obtidas por meio de pesquisas jornalísticas, não seriam suficientes para convencer o leitor de que a narrativa é, automaticamente, a reprodução do que ocorrera. Daí porque, Rildo Cosson afirmar

que toda a verdade do romance-reportagem, apesar de estar indubitavelmente amparada em fatos acontecidos, constrói-se, no nível do discurso, pelo princípio da verossimilhança, isto é, ao ser passada da condição de fato à de discurso, a verdade factual é mimetizada e, de veraz, transforma-se antes de tudo em verossímil (COSSON, 2001, p. 41-42).

Desse modo, é preciso que o autor vá além da apresentação de elementos extraídos da realidade para compor personagens e situações realistas, como destaca E. M. Forster, em *Aspectos do romance*, “Elas [as personagens] não são reais porque se parecem conosco (embora talvez se pareçam, de fato), e sim porque são convincentes” (FORSTER, 2005, p. 86), o mesmo poderia se afirmar das situações. Além do trabalho de convencimento (por meio da verossimilhança) que o autor deve fazer, há o fundamental papel do leitor “que aceita o pacto narrativo proposto, no qual, pelo menos para efeito de leitura, é conforme ao real o mundo que a obra descreve” (COSSON, 2001, p. 39).

Já a capa do verso do livro visa destacar as qualidades profissionais de Fernando Pinto. Para tanto, uma voz de autoridade é evocada. Quem o caracteriza é Ézio Pires, então presidente do Sindicato dos Escritores de Brasília, dessa forma, torna-se mais digno de aceitação como verdade o que se apresentará ao longo da narrativa.

Ézio Pires afirma que o autor é um jornalista que está sempre “com todas as suas antenas ligadas nas angústias deste fim de século” (PINTO, 1987); que “trabalhou nos principais jornais do país” (*idem*); que “Foi aluno da Faculdade Nacional de Filosofia, no tempo em que a dita era considerada a Sorbone nacional” (*idem*); diz ainda, que “Nos seus 32 anos de militância na imprensa e na literatura, Fernando Pinto conquistou um invejável grau de comunicação com o seu público leitor” (*idem*).

### 3.2. As orelhas

Uma outra voz de autoridade é chamada para testemunhar nas orelhas da obra. Marlene Anna Galeassi, que na época trabalhava na Revista Veja e que também havia feito a cobertura do acidente radiológico em Goiânia, atribui ao trabalho de Fernando Pinto o mérito de não deixar o “outro lado da história” (*idem*) morrer. Conforme ela destaca: “Alguém tinha que sacudir urgentemente a poeira do tempo, retratar os personagens, reconstruir os diálogos e mostrar a verdadeira, mas controversa rota macabra do Césio. Foi aí que surgiu Fernando Pinto, um repórter tarimbado [...]” (*idem*).

Marlene destaca o grande cuidado do autor para levantar informações e materiais confiáveis para sua pesquisa: “Virou Goiânia do lado avesso ouvindo pessoas, num exaustivo trabalho de depoimento, comparações e pesquisas” (*idem*).

Destaca, por fim, que “Com todo este material, Fernando Pinto escreve este livro [...]” (*idem*). Eis mais uma voz que manifesta grande preocupação de conferir verdade histórica ao romance-reportagem *A menina que comeu césio*.

### 3.3. Agradecimentos

Nos agradecimentos há dois trechos, em especial, que cooperam com a intenção de construir um discurso com efeito de verdade, para o conteúdo que será apresentado por meio da narrativa.

O autor inicia agradecendo “A Maria Ivone (Comunicação Social), ao superintendente Barros Lima e delegado Antônio Ricardo, da Polícia Federal, por terem aberto as páginas do inquérito aos repórteres” (PINTO, 1987, p. 3). E agradece ainda “Aos informantes do Hospital Naval Marcílio Dias (anônimos por motivos óbvios)” (*idem*).

Desta forma, pressupõe-se que tudo o que será apresentado, ao longo dos capítulos, não se trata de ficcionalidade do autor, pelo contrário, é fruto de uma pesquisa documental e de depoimentos. Aproxima-se, assim, o ofício do repórter-escritor ao do historiador, comprometido, como visto tradicionalmente, com a segurança historiográfica.

### 3.4. Advertência do autor – I

“Aqui não cabe a desculpa da mera coincidência. Os personagens deste livro são reais. Ainda estão vivos ou semivivos. Mas quatro já morreram... Quem vai pagar por isso?” (*ibidem*, p. 4).

### 3.5. Advertência do autor – II

“[...] Graças a essas valiosíssimas informações, consegui recompor diálogos e situações [...]” (*ibidem*, p. 7).

As duas advertências feitas pelo autor vão ao encontro do exposto nos agradecimentos. Ele faz questão de alertar o leitor de que a narrativa que ele está prestes a ler é real e não fictícia e que, inclusive, é possível verificar as informações expostas.

### 3.6. Prefácio

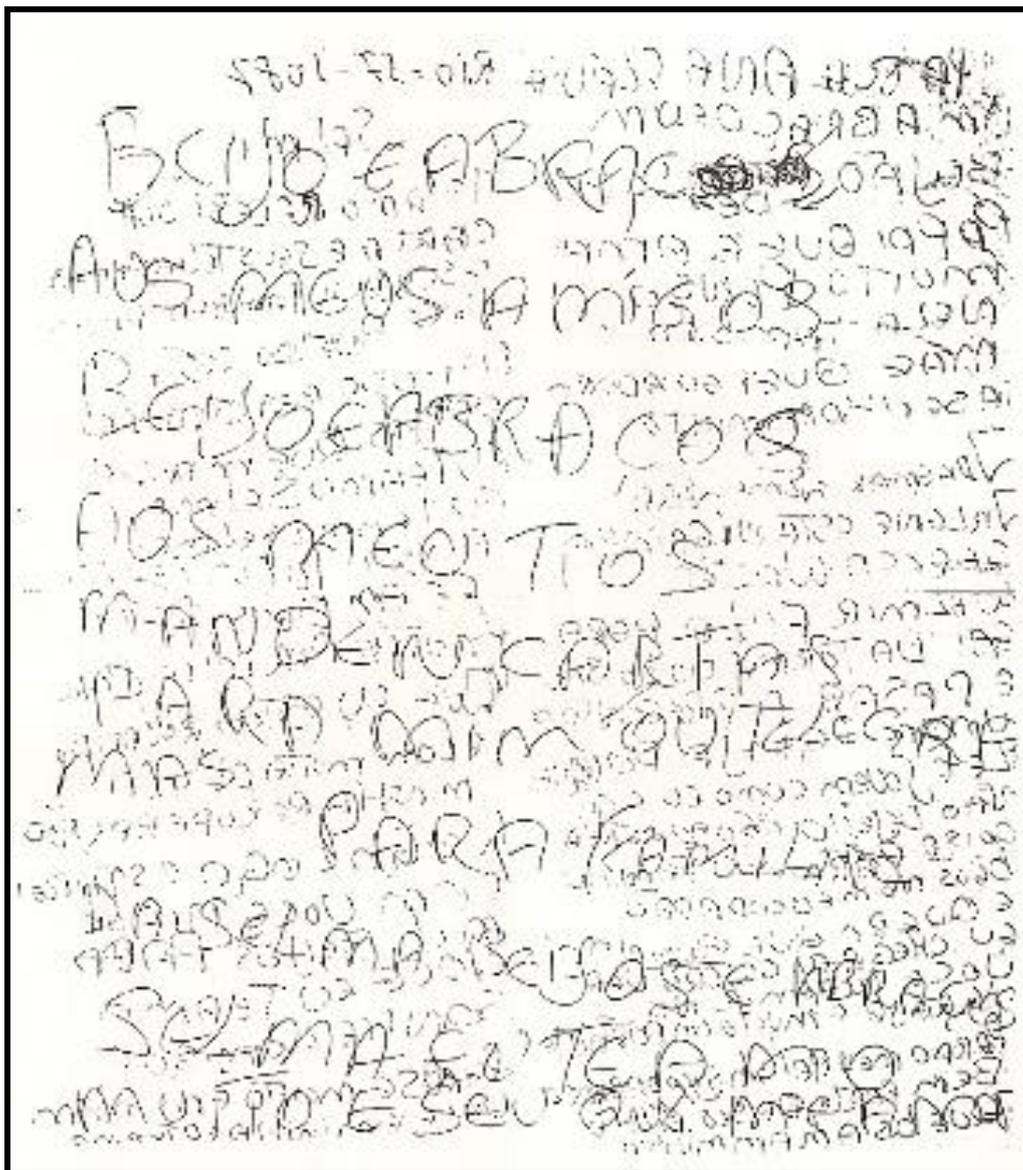
No Prefácio do livro outra voz de autoridade é convidada a fazer coro. Quem fala agora é João Arnolfo Carvalho de Oliveira, ex-chefe de Fernando Pinto no Jornal Correio Braziliense.

Por um lado, João Arnolfo informa que tomou conhecimento do desastre radiológico “no início de outubro sob a forma de uma notinha de cinco linhas no *USA Today* [jornal norte-americano ainda existente hoje]” (*ibidem*, p. 9) e que ao chegar em Brasília viu “as manchetes do Jornal do Brasil e do Globo, dizendo algo sobre ‘o acidente radioativo em Goiânia’” (*ibidem*, p. 10). Estas informações, por serem verificáveis, conferem veracidade à obra.

Por outro, o prefaciador une-se às outras vozes para destacar a intensa dedicação de Fernando Pinto, na coleta dos dados de sua pesquisa: “Fernando Pinto passou mais de quatro semanas em Goiânia, indo ao hotel apenas para fazer suas anotações e dormir, conhecendo e depois convivendo com as pessoas-chaves para remontar o quebra-cabeças” (*ibidem*, p. 11-12).

E arremata dizendo que “As situações descritas, as frases reproduzidas e as informações que formam este trabalho de repórter-escritor refletem fielmente as dezenas de horas gravadas com os depoimentos colhidos em Goiânia e no Rio” (*ibidem*, p. 12).

### 3.7. Anexo I



**Fonte:** livro *A menina que comeu césio*

*“Beijo e abraços Aos meus amigos Beijos e abraços Aos meus tios Mandem cartas Para mim ou telegramas Para a família Da Selma beijos e abraços Selma te amo Muito e sei que me ama”*

Este primeiro anexo apresenta a cópia de um recado de Wagner Mota, um dos jovens que encontraram a cápsula contendo Césio-137, escrito à sua esposa Selma, quando ainda estava internado no Hospital Marcílio Dias, no Rio de Janeiro. Com isso, a voz de uma vítima real do acidente radiológico, transformada em personagem pelos recursos ficcionais, é agregada à Unidade Discursiva (UD) para reforçar o seu caráter de factualidade.

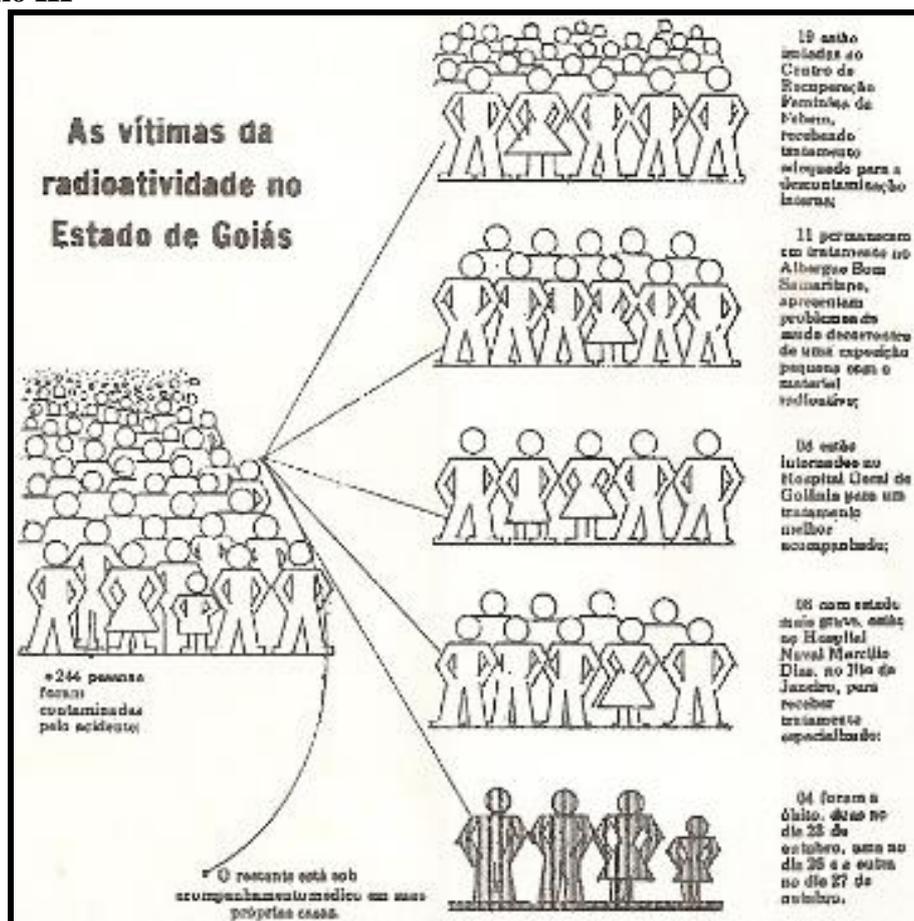
## 3.8. Anexo II



Fonte: livro *A menina que comeu céσιο*

Neste anexo o autor apresenta um infográfico com um quadro histórico do acidente com o Césio-137, utilizando, assim, um recurso típico do jornalismo para informar objetivamente ao leitor como o Césio-137 foi espalhado, desde a retirada da cápsula do IGR, por Wagner Mota e Roberto Santos, passando pelas pessoas mais próximas até as que estavam fora do raio familiar.

## 3.9. Anexo III



Fonte: livro *A menina que comeu césio*

Outro infográfico é utilizado no anexo III para apresentar um quadro descritivo com o número de radioacidentados e os grupos das vítimas mais graves, atendendo assim, ao mesmo objetivo do quadro anterior e cooperando com o sentido de verdade de tudo o que se diz na obra.

Essa multiplicidade de vozes que ecoam no romance-reportagem, de Fernando Pinto, o torna uma UD (Foucault, 2008), ainda que não homogênea; uma vez que reúne um conjunto de discursos que apresenta uma linha de continuidade, inter cruzando-se para constituí-lo. A respeito da manifestação de enunciados recorrentes sobre o mesmo objeto, Foucault observa que

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...]" (FOUCAULT, 2008, p. 43, grifo do autor).

As reflexões de Eni Orlandi em *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, sobre as Condições de Produção discursiva e Formação Discursiva (FD) (2003) colaboram com a compreensão da importância das múltiplas vozes que aparecem nos ambientes pré e pós-textuais na obra de Fernando Pinto, para a formação de uma UD.

Desse modo, cada voz manifestada, seja a do próprio autor, que, nas palavras de advertência já fala a partir de um outro lugar discursivo; seja a da jornalista Marlene Anna Galeassi; seja dos jornalistas Ézio Pires e João Arnolfo ou seja, ainda, as vozes de cada

recurso imagético utilizado, todas essas falas adquirem um sentido no contexto em que foram ditas, de conferir credibilidade ao trabalho de Fernando Pinto e levar o leitor a crer que o que se narra em seu romance-reportagem é verdade factual.

#### 4. Considerações finais

Ao final dessa breve reflexão sobre a constituição discursiva do romance-reportagem, cremos ter colaborado para o entendimento de que a análise de uma narrativa, que procura ressaltar apenas os aspectos estruturais próprios de determinado gênero literário, oculta o dizer mais rico do texto – seu discurso. Daí por que, a defesa de Rildo Cosson, da teoria bakhtiniana dos gêneros, e afirmar que, com ela, “a teoria dos gêneros passa decisivamente da condição de literária à de discursiva” (COSSON, 2001, p. 29).

Nesse entendimento procuramos ouvir e fazerem-se ouvidas, as vozes ditas nas partes pré e pós-textuais do romance-reportagem de Fernando Pinto. Cremos que nessa polifonia subjaz uma FD que procura, eficazmente, constituir uma UD, que é *A menina que comeu césio*.

Embora não tenha sido a tônica dessa reflexão, pôde-se, também, perceber que o discurso que se lê na narrativa de Fernando Pinto constitui um momento de Prática Social (RAMALHO E RESENDE, 2011), pois apresenta uma maneira de o autor agir e interagir no mundo.

#### 5 – Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BIANCHIN, N. T. R. *Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2004.
- CANDIDO, A. *et al. A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COSSON, R. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coordenação da tradução e revisão técnica Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.
- MAGALHÃES, I. *Introdução: a análise de discurso crítica*. *Delta*, v. 21, n. especial. São Paulo, 2005
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PINTO, F. *A menina que comeu césio*. Brasília: Ideal, 1987.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. *Análise de discurso (para a) crítica: O Texto como Material de Pesquisa*. Col. Linguagem e Sociedade. Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

<sup>i</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-graduado em História Cultural: *Imaginário, identidades e narrativas* pela Faculdade de História da UFG. Discente do programa de mestrado interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (UEG). Correio eletrônico: isaias.msouza@hotmail.com

<sup>ii</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente do programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Pós-doutor em Poéticas Visuais e Processos de Criação. Correio eletrônico: ademir.hist@bol.com.br